

LETRAMENTO E MÚSICA: UMA VISÃO CRÍTICA E REFLEXIVA DENTRO DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE MONTE SANTO DE MINAS

Priscila Maria Paulino*
Luciane de Paula**

RESUMO: Este artigo é resultado da pesquisa de iniciação científica desenvolvida no UNIFEG e teve como objetivo analisar as músicas denominadas “rotineiras” das escolas de Educação Infantil de Monte Santo de Minas. Tentamos comprovar como a música veiculada na escola, por meio do seu discurso, pode colaborar ou não para a perpetuação do *ethos* capitalista. Apresentada de maneira lúdica na escola, a música caracteriza-se como discurso e, como tal, transmite uma “ideologia” implícita. Com isso, imputa, nas crianças, “uma nova ordem”, que formam e en-formam sentimentos e atitudes que, na maioria das vezes, tem o objetivo de controle.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; ideologia; música; educação; criança.

Empenhar-se em algo que nos satisfaz, nos faz sentir pessoas úteis perante uma visão mundana invertida, o que pode ser denominado sentimento de vida caótica. Não podemos utilizar esse termo literalmente, mas podemos poetizá-lo. Viver caoticamente é viver em desaceleração aos moldes sociais prescritos. Desarraigar-nos de conceitos e atitudes e rebelarmo-nos como crianças insatisfeitas com um presente. Presente esse que foi dado sem menor sentido, mas que somos induzidos a gostar, sem ao menos questionar. É sob a perspectiva dessa pequena explanação que tentamos encaminhar nossa “batalha” acadêmica, artística e científica.

Nesse desafio, tivemos algumas armas que foram, indiscutivelmente, inerentes ao combate do “senso comum”. A começar, a palavra. Sem ela, não poderíamos sequer pensar. Imersos num mundo lingüístico, ficaria impossível não a utilizamos para estabelecermos relações convidativas ao próximo. Rousseau (1998:9), numa discussão sobre a linguagem diz:

“A palavra distingue os homens dentre os animais: a linguagem distingue as nações entre si..., por meio do qual se entrecruzam dois sistemas diferentes de oposição: um, circunscreve o lugar do homem [diferença que separa o

* Aluna-pesquisadora do Programa de Iniciação Científica (PIC) do curso de Letras do UNIFEG.

** Mestre e doutoranda em Lingüística, pela UNESP – Araraquara. Orientadora da pesquisa e professora dos cursos de Letras e Direito do UNIFEG.

homem dos animais], o outro desdobra o espaço da dispersão dos homens.”

Nessa fusão comportamental humana, o homem que fora inscrito, desde o nascimento, na linguagem é interpelado por conceitos e feitos pré-ditos, e, nesse sentido, conduz, lacunariamente o homem a normativizar seus sentidos. Freud afirma que “o homem não é dono de sua própria casa”. Com isso, temos a noção de que o homem não pensa por si e sim condicionado por elementos advindos do exterior, da sociedade. Nós é que somos inseridos no processo lingüístico. Orlandi (2001: 35) também ressalta que somos condicionados a pensar de uma determinada maneira: “Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo.”

Ao pensarmos nisso, temos um elemento oculto que nos controla, “um outro dono”. Um “*panopticon*”, termo utilizado por Foucault ao discriminar que o homem é vigiado por um “olho que tudo vê”. Vivemos, portanto, vigiados, coagidos, muitas das vezes de forma implícita, mascarada. Marx (1965: 65) denomina esse mascarar pelo termo “ideologia”, que define como:

“sistema ordenado de idéias ou representações e das normas e regras como algo separado e independente das condições materiais, visto que seus produtores – os teóricos, os ideólogos, os intelectuais- não estão diretamente vinculados à produção material das condições de existência. E sem perceber, exprimem essa desvinculação ou separação através de suas idéias”

Este mascarar nos impede de pensar ou de representar nossas vontades. A importância, muitas das vezes não dada a esses detalhes, que passam despercebidos, é que nos intriga: como podemos ser controlados e não eclodimos perante os fatos óbvios e corruptíveis? Esse eco é que nos fez refletir sobre a passividade “inerente” aos adultos. Começamos a perceber que a dominação ocorre de forma sutil é aparentemente prazerosa.

Refletimos, então, sobre os modelos educacionais convencionais que têm como meta “passar” um ensino de qualidade. Pensamos, então, na escola como local onde começamos “a tomada de consciência das coisas”, como o “mundo do saber”. Entre outros conceitos atribuídos, ela tem sua funcionalidade na re-passagem de verdades absolutas,

sobre as quais tem o interesse pleno de convencer as pessoas de que essa educação formal tem valor único perante outros saberes.

A escola, como veículo transmissor das regras sociais elitistas estatais, re-passa às crianças, no seu período evolutivo, um grande número de informações pré-estabelecidas que inculcam uma ideologia preponderante nas crianças, que passam a pensar conforme o poder. Chaúí (1958: 113) aponta-nos a ideologia como:

“como um sistema lógico e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer.”

Esse interesse de inculcação ideológica tem por objetivo controlar as pessoas para que, na disputa, existente entre dominantes e dominados, aqueles que pertencem à classe menos favorecida não se rebelem contra seus “donos”.

Todos estamos inseridos nessa luta de classes. O capitalismo reforça esse estado caótico de separação. Marx (2000:13) admite: “A essência capitalista está, pois na separação radical entre produtor e os meios de produção”. Sob outro prisma, mas na mesma linha de pensamento, alunos e Estado estabelecem uma parede ilusória calcada ideologicamente por lacunas, a fim de não re-velar o processo, porém, somente o resultado. Dentro do aparelho escolar, a educação infantil é a que mais nos interessa analisar, pois ela é o alicerce para as futuras intenções sociais. Ao incutir ideologias tidas como “certas”, esse aparelho pode vir a de-formar a criticidade dos alunos.

Marx (1998: 31) afirma que “(...) o Estado, por baixo das aparências ideológicas de que necessariamente se reveste, está sempre vinculado à classe dominante e constitui o seu órgão de dominação”. Isso pode confirmar a necessidade de explorarmos qual o valor ideológico do conteúdo programático re-passado para os alunos.

Introduzir dentro das escolas elementos de agrado geral para, desde a tenra idade, bombardear as mentes inocentes e transformá-las em robôs a serviço do Estado, é uma maneira fácil de controle.

Um instrumento auxiliador, no qual qualquer pessoa tem acesso, é a música. Prazerosa e de aceitação geral, a noção musical está inserida nos currículos das escolas de

Educação Infantil. Destacamos, especificamente, a música como um elemento importante utilizado nas escolas que pré-moldam atitudes das crianças.

A música, tida como expressão artística representativa hodiernamente, passa a talhar a função pedagógica auxiliadora na passagem de valores e costumes tidos como “certos” pelo senso comum. É sob esse prisma que tentamos desemaranhar a música nas escolas infantis. Será que essa música é utilizada nas escolas infantis? De que maneira?

Historicamente, essa música passou por transformações. Antes da ditadura, matéria importante no currículo escolar, passa a ser controlada, vigiada com a instalação da censura. Podemos dizer que, mesmo com a queda da ditadura, essa música volta a fazer parte do currículo das escolas, porém ainda controlada e, de certa forma, podemos que dizer que até camuflada.

A música é parte integrante do currículo das escolas. Segundo as Referências Nacionais de Educação 3 (1998:47), a música é utilizada “(...) como formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar a mão antes do lanche, escovar os dentes, respeitar o farol, etc.”. Essas são algumas das práticas ideológicas utilizadas na área pedagógica para auxiliar na formação individual das crianças, ou melhor, numa aparente individualidade.

Ao pensarmos a arte como meio de vazão dos conceitos ideológicos e a música como instrumento artístico, qual valor da noção musical existente na escola.? Até que ponto a música tem um sentido alienante e, em contrapartida, terá espírito libertador quando utilizada como instrumento pedagógico? Depende de como for “tocada”. Afinal, se não sei usar o instrumento, como extrair dele uma toada. Posso até desafiná-lo! Elegemos uma escola de Educação Infantil no município de Monte Santo de Minas, Escola de Educação Pré-Escolar “Maria José Grassano Costa” (microcosmo da Educação Escolar) para podermos analisar como a música era trabalhada.

Percebemos, então, que a música inserida no contexto escolar denominava-se “música rotineira”. Essas músicas, em sua maioria, pressupostas e permeadas com uma ideologia, eram repassadas às crianças no período de entrada e também antes de atividades direcionadas, tais como lanche, parque, “fila”, entre outros. Portanto, desde o mais tenro contato formal com a música, a criança tinha uma base de modelos de *como ser*. Com isso, a criança enquadra-se a um padrão tido como correto.

A Instituição Escolar, pertencente ao Estado, em sua maioria, desempenha a função de inculcação ideológica que submete ambas as classes (dominada e dominante) à visão de um mundo em que a estruturação da sociedade de classes e a exploração de uma pela outra tornam-se naturais. Althusser (1974:22) diz que:

”... a Escola (mas também outras instituições do Estado, como a igreja e outros aparelhos, como o Exército) ensinam ‘saberes práticos’, mas em moldes que asseguram a sujeição, à ideologia dominante (...). Todos os agentes da produção, da exploração e de repressão devem estar(...) ‘penetrados’ dessa ideologia, para desempenharem ‘conscientemente’ a sua tarefa – quer de explorados (os proletários), quer de exploradores (os capitalista) (...). A reprodução da força de trabalho tem pois como condição ‘sine quanon’ não só a reprodução da qualificação dessa força de trabalho, mas também a reprodução da sua sujeição à ideologia dominante”.

A Escola, portanto, passa-nos a ilusão de ser uma instituição neutra, que zela por objetivos culturais, *“um meio neutro, desprovido de ideologia”* (p.23). Ela cumpre sua função re-produtora ao veicular saberes pré-fixados que nos aludem a uma forma de ensinamento e princípios que obrigam os alunos a interiorizarem de maneira contínua e metódica os valores elitistas. Com isso, forma os alunos com um *habitus*¹ que permanece, mesmo depois de que a ação pedagógica cesse. Manipula o aluno a executar certos hábitos, tidos como naturais para que este, quando venha a ter a idade adulta mostre uma passividade natural perante fatos óbvios de dominação.

A introspecção de conceitos alicerça o pensamento e o agir das pessoas que passam a instaurar uma condição de subserviência. Marx (1998:31) afirma que *“(...) o Estado, por baixo das aparências ideológicas de que necessariamente se reveste, está sempre vinculado à classe dominante que constitui o seu órgão de dominação.”*

Dentro da escola, outras músicas eram veiculadas, dentre as quais o álbum da Xuxa era o que tinha maior incidência. Essas músicas serviam de recreação não-direcionada, uma forma de lazer dentro da escola. Após fazerem as atividades previamente estabelecidas, as crianças podiam desfrutar de um momento prazeroso. Constatamos isso por meio de um questionário com 10 perguntas às professoras de Educação Infantil. Das 24 professoras,

¹ BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude: *A reprodução*, pp. 44-45.

somente 20 devolveram o questionário. Dentre as questões, 4 estavam em branco e os outros questionários, respondidos pela metade.

O descaso quanto à pesquisa tornou-se um fato óbvio.

Com esse contato formal que tivemos com as professoras, percebemos que muitos dos profissionais inseridos no contexto escolar temem por serem “vigiados”. Tentam executar sua função de máquina, não conseguem expressar vontades, tais quais eleger uma resposta que seja de seu agrado, pois, nos questionários, antes sentiram a vil necessidade de recorrer à coletividade para fazerem isso. Julgamos serem estas as verdadeiras razões pelas quais elas não responderam o questionamento feito.

Outro fator válido de ser ressaltado foi *o como* essas perguntas foram respondidas. Distribuímos para quatro escolas distintas o questionário e, ao analisar as respostas dadas pelas professoras, percebemos que essas eram iguais. Pelas respostas, pudemos pressupor que elas responderam em conjunto. Essa uniformização do pensamento é apregoada desde quando a criança se insere no contexto escola. Afinal, a estruturação social da escola prescreve uma coletividade.

Podemos afirmar isso ao levantar isotopias visíveis dentro do recinto escolar que nos direcionam a essa possível questão. As carteiras dispostas uniformemente na sala de aula são o primeiro indício de uma tentativa coletiva de formação. Essa ocorrência permeia a instituição escolar de forma natural, pois essa formação vem de muitos anos e, conseqüentemente, perpassa de geração a geração. O próprio termo “uniforme” mostra essa noção de coletividade, tanto que nos remete aos operários que também utilizam esse objeto como forma de se apresentarem em suas funções. A marcação de faltas, o horário de chegada e de saída também constata uma condição operária.

A Escola representa um microcosmo do macrocosmo sociedade ao direcionar o aluno, desde a sua infância, a uma condição de subserviência a uma hierarquia. Dentro da escola, o aluno se depara com uma escala hierárquica, na qual deve estabelecer relações dependentes da posição que este ocupe.

A música abaixo transmite essa relação hierárquica: “Ao chegar na nossa escola, cumprimento toda a gente, é tão bom começar o dia animado e contente. Digo “alô” aos coleguinhas e boa tarde a professora, não esqueço do sorriso para a nossa diretora”.

Esta música não possui autoria e nem data de quando foi veiculada pela primeira vez. Uma forma de tentativa de imparcialidade, pois quem irá condenar a letra de uma música que não possui autor?

Orlandi (1988:41) afirma que *“todo texto tem sua história”* e é válido ressaltar isso, pois a cada leitura feita de um mesmo texto, ele terá uma nova interpretação, pois fatores incidentes poderão nortear conclusões distintas. Também podemos constatar que este texto foi inscrito dentro de uma *condição de produção* que tinha a necessidade de forma sutil, mostra que dentro de uma sociedade estabelecemos relações e que devemos estar atentos qual o grau de intimidade podemos ter.

Na música analisada podemos perceber a manipulação do dominante (Poder) sobre os dominados (crianças e professores). A subserviência presente tanto no professor quanto no aluno torna essa repassagem de valores tão simples e fácil.

A discriminação dos cargos, na música, apresenta a acentuação na disparidade da condição econômica de cada um dentro da sociedade.

Como o intuito capitalista é manter a dominação, sabemos que a escola é uma instituição controlada pelo Poder e que objetiva em re-forçar a dominação.

Na escola a diretora é o poder máximo, depois a professora e num nível igualitário estarão os “coleguinhas”, que aqui é apresentado na forma de diminutivo o que reforça o sentido de inferioridade.

Apregoadas como um lugar agradável, a escola é o local onde devemos chegar “sempre” animados e contentes.

“Alô”, “bom tarde” e “um sorriso” são atitudes de um cidadão civilizado agir numa situação. Esse estereótipo difundido na infância refletirá também na fase adulta quando essa pessoa for empregada num estabelecimento. De forma natural, saberá como lidar com as pessoas que estiverem no mesmo nível que o seu, seus “coleguinhas” e também seu supervisor, aqui retratado como “professor” e também ao seu patrão “diretor”.

Ressaltamos ainda que a forma de tratamento utilizada em cada nível difere uma da outra. Quando se cumprimenta ao “coleguinha” que prescreve a pessoa do mesmo nível, e de forma inferior devido ao fato na ênfase do diminutivo “inha”, percebemos que a forma “alô” remete a maneira informal de manter um contato com a outra pessoa.

Enquanto que a professora, ocupante de um posição um pouco mais elevada na pirâmide social, recebe o cumprimento formal “boa tarde”, já a diretora que se enquadra dentro do recinto escolar como o cargo mais elevado, o máximo que os alunos podem fazer é demonstrar através de gestos seus sentimentos de servidão: um sorriso.

Constatamos que na maioria das escolas de Educação Infantil de Monte Santo, que nessa pesquisa representa um microcosmo do macrosmo Sociedade, recebem todos os dias a idéia musical apresentada em forma de canções rotineiras, as quais as professoras cantam para que as crianças se em-forme adequadamente a um momento pré-estabelecido. Esses conceitos arraigados nessas músicas prescrevem a maneira correta de um “cidadão de bem”, segundo os conceitos sociais impostos, poder viver na sociedade.

Uma violência simbólica, como diria Bourdieu. A sociedade ao impor uma visão dominante como “verdadeira”, faz com que as demais sejam tidas como inferiores, anticulturais.

As crianças, que desde a primeira leitura, se instaura nesse jogo elitista que procura torna-la uma pessoa não-pensante. Nessa leitura de reprodução comportamental, podemos dizer que a música dentro das escolas tem a função, em sua maioria, de inculcação ideológica, com isso formam e des-formam as crianças. Moldam seu pensar desde a infância para que quando chegarem à idade adulta, sejam pessoas manipuláveis e ótimos instrumento de trabalho para o mercado.

Na década de 50/60 a música era o refúgio daqueles que pensavam, tentar expressar seus sentimentos, hoje a música tornou-se um veículo, em sua maioria, como notamos no quadro escolar de reprodutor de comportamentos, atitudes. Antes libertador agora alienador. As músicas rotineiras convertem a um estado de não-reflexão.

Será que nós, enquanto professores estamos auxiliando nesse processo de inculcação ideológica? Estaremos colaborando com o governo?

A música esta sendo tocada de maneira afinada? Fica aqui uma reflexão acerca da nossa profissão. Queremos usufruir um estado de libertação ou alienação. Basta tocarmos o instrumento correto para abstrairmos uma boa toada.

Bibliografia

- ALTHUSSER, Louis *Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado*. Presença, Lisboa, 1974.
- BARROS, D. L. *Semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2001.
- BOURDIEU, P. *Economia das trocas lingüísticas: O que Falar Quer Dizer*. São Paulo: Edusp, 1998.
- BRITO, Teca Alencar *Música na educação infantil*. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CAGLIARI, C.C. *Alfabetização & Lingüística*. São Paulo: Scipione, 1992.
- CHAUÍ, M. *O que é ideologia?*. Coleção Primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FIORIN, J. L. *Elementos de Análise de Discurso*. São Paulo: Contexto, 2001.
- FOCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graaal, 1979.
- JEANDOT, NICOLE *Explorando o universo da música*. São Paulo: 1976.
- MARX, Karl. *A ideologia Alemã / Karl Marx e Friedrich Engels*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PAULA, L. de . *Ao encontro do (En)canto dos Paralamas do Sucesso*. Dissertação de mestrado. Araraquara, 2001.
- PÊCHEUX, M. *Análise do discurso, linguagem e ideologia*. Campinas: Unicamp, 1988.
- SOARES, M. *Linguagem e escola: Uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1992